

PRÁTICAS SEXISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Patrícia de Jesus Santos¹ e Edmacy Quirina Souza²

1. Graduanda do 6º semestre do curso de pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Itapetinga - Bahia – Brasil. e-mail (patriciasantosped@hotmail.com)
 2. Mestre em educação. Professora orientadora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Itapetinga – Bahia – Brasil.
-

RESUMO

O principal objetivo dessa pesquisa foi compreender como ocorre a interação de meninas e meninos no espaço da educação infantil e analisar a presença de práticas sexistas nesse ambiente educativo. A educação infantil é um campo bastante significativo para estudos referentes ao gênero, pois ela consiste em um dos meios de introdução de meninos e meninas no mundo social, no qual a diversidade, seja de cultura, classe ou gênero, está presente. O estudo foi realizado por meio de uma revisão de bibliografia, foram expostos e discutidos trabalhos de algumas autoras, como: Guacira Louro (1997), Daniela Finco (2008), entre outras. A pesquisa apontou que práticas sexistas são muito freqüentes no espaço educacional, manifestadas, muitas vezes, nas brincadeiras, na fala da professora ou professor, os quais reforçam tais diferenças. A pesquisa mostra como práticas do profissional da educação podem contribuir para os preconceitos de gênero, trazendo uma alerta, para professores repensarem suas práticas e lutarem por uma educação não sexista.

PALAVRAS CHAVES: Gênero, Práticas sexistas, Educação infantil.

SEXIST PRACTICES IN KINDERGARTEN: A QUESTION OF GENDER

ABSTRACT

The main objective of this research was to understand how the interaction occurs in girls and boys in the area of early childhood education and to analyze the presence of sexist practices in the educational environment. Early childhood education is important enough for a field studies related to gender, because it consists of a means of introducing boys and girls in the social world in which diversity, whether cultural, class or gender, is present. Given this reality, studies in early childhood education are key to a better understanding of the social constructions of gender. The study was conducted through a review of literature, were presented and discussed works of some authors, such as: Guacira Blonde (1997), Daniela Finco (2008), among others. The poll found that sexist practices are rampant in educational space, expressed often in the games, the speech of the teacher or professor, which reinforce these differences. The research shows how practices of education

professionals can contribute to gender bias, bringing a warning to teachers and teachers rethink their practice and strive for a non-sexist education.

KEYWORDS: Gender, sexist practices, education for children.

INTRODUÇÃO

Desde o nascimento meninas e meninos são vítimas de construções sociais que irão determinar suas atitudes, gestos, valores e opiniões de acordo com seu sexo. Se for menina provavelmente vai ser educada para exercer funções domésticas, serão estimulados sentimentos de delicadeza, amor e fragilidade. O menino, por sua vez, para ser o provedor do lar, corajoso e aventureiro.

Essa educação só é possível devido a práticas sexistas. Através desse mecanismo são legitimadas as diferenças de gênero de forma natural e imperceptível, a sociedade em si contribui de maneira bastante eficaz nesses estereótipos que acabam distanciando meninas e meninos, a família, a escola, a religião, todas possuem uma parcela de responsabilidade.

Diante de algumas observações informais no cotidiano foi possível perceber que meninas e meninos, principalmente na fase da adolescência, costumam se agrupar de acordo com seu gênero, as meninas trocam confidências entre si formando o famoso grupo das “luluzinhas” e os meninos o grupo dos “bolinhas”, onde falam de assuntos vistos como masculinos, como o futebol. Em decorrência de inquietações provenientes dessa situação, que se torna relevante fazer alguns questionamentos, quanto a origem dessas práticas, que não ocorrem de forma natural, é uma situação construída por toda a sociedade, que apesar de enraizadas em várias culturas é necessário estudá-las, pois só conhecendo a maneira como nascem e se perpetuam, que a quebra de estereótipos de gênero, pode se tornar possível.

A educação infantil surge nesse contexto como um campo de pesquisas das relações de gênero bastante significativo, apesar de estudos nessa área ainda serem escassos. Segundo Rosemberg (2001, p. 287) “raríssimos estudos parecem ter ido a busca do lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional.”, devido a carência de tais estudos, é de fundamental relevância o estudo nessa área.

No período entre zero a cinco anos a criança se encontra em pleno desenvolvimento de seus valores, opiniões e comportamentos, e, tendo em vista que esse período consiste no primeiro contato da criança com um tipo de educação formal, será que nesse espaço estão interiorizadas práticas sexistas? E a professora e o professor que se encontra no comando dessa etapa educacional influência através de suas práticas para as construções sociais de gênero? Devido a tais questionamentos e para a busca de maior discussão dessa situação, que o principal objetivo do presente artigo é compreender as formas de interação entre meninas e meninos na educação infantil e analisar por meio de pesquisas já realizadas, a presença de práticas sexistas nesse ambiente escolar nos momentos de socialização entre meninas e meninos.

O referente artigo é resultado de uma revisão de bibliografia em que foram discutidos alguns pensamentos, sobre as construções sociais das diferenças de gênero. Em um primeiro momento será exposto um pouco sobre a trajetória do movimento feminista, que é de fundamental importância para o entendimento do

termo gênero, logo após será tratado por meio de pesquisas às relações de gênero na educação infantil.

DO MOVIMENTO FEMINISTA AO TERMO GÊNERO

Se um dicionário for consultado na esperança de se esclarecer o conceito do termo gênero explorado nesse artigo, provavelmente nada será encontrado, pois seu significado possui uma história. Neste trabalho o termo gênero se encontra entrelaçado com a história do movimento feminista contemporâneo, movimento de extrema importância e que na visão de alguns autores mudou o conceito de ver e fazer ciência.

A história das mulheres por muito tempo ficou oculta nos bastidores das conquistas masculinas, sua vida se resumia em apenas cuidar da casa, dos filhos e do marido, seu universo ficou, durante séculos, restrito no interior do lar, seus direitos também eram limitados, ela não podia tomar decisões sobre sua própria vida, profissão, casamento e vida política, ou seja, a mulher não tinha voz, e em decorrência de protestos que lutavam por uma participação direta na vida social e política que a história das mulheres começou a seguir caminhos diferentes.

O ponto central ocorre com o chamado sufragismo movimento dos anos 60 que para Louro (1997, p.15) “O movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres”.

Nos primeiros anos o movimento feminista contava apenas com um grupo reduzido de mulheres brancas e de classe média, vale ressaltar que tal movimento, apesar de restrito, ocasionou para a história contra o preconceito feminino conquistas muito significativas, pois essas mulheres fizeram com que toda a sociedade de forma positiva ou negativa voltasse seus olhos para um grupo, que reivindicava uma maior participação em uma sociedade na qual a figura masculina era vista como superior .

Segundo Louro (1997), um dos principais motivos para a luta feminista, era a busca por uma maior visibilidade:

Tornar visível aquela que fora oculta foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito inclusive como sujeito da ciência (p. 17).

É importante lembrar que esses estudos não tinham de início uma construção teórica, isso só veio a acontecer posteriormente, pois algumas estudiosas vendo a necessidade de uma literatura, uma base teórica para os estudos feministas começam a produzir obras, que passaram a ser publicadas por meio de livros, artigos e revistas especializadas. As autoras, nesses trabalhos, faziam relatos de maneira bastante minuciosa sobre a situação das mulheres na sociedade, baseadas em suas próprias experiências, e sobre sua situação de inferioridade perante o sexo masculino.

Por outro lado, alguns pensadores na esperança de trazerem uma explicação concreta para as diferenças de gênero, se atrelavam as questões biológicas, era defendido que o estado de submissão imposta as mulheres seria proveniente de seu estado físico.

Como uma rejeição a tais teorias e na tentativa de quebrar estas concepções, que estudiosas feministas começaram a usar o termo gênero, para

explicar baseadas em teorias sociais, as construções das diferenças impostas pela sociedade. Nesse momento a explicação das diferenças entre homens e mulheres sai do campo biológico para o social, pois são através dessas relações em sociedade que são construídas as diferenças de gênero.

Para Louro (1997) o termo também traz novos estudos nos quais mulheres e homens passaram a ser pesquisados:

O conceito passa a ser usado, então, como um forte apelo relacional já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Deste modo ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres, eles estão agora, de forma muito mais explícita, referindo-se também aos homens (p.22).

A partir desse termo é possível compreender como as diferenças são construídas pela sociedade e suas culturas, que através de gestos, atitudes e valores inculcados nos indivíduos pela sociedade como um todo, os moldam de forma imperceptível, e as olham de maneira muito natural, fazendo com que passem despercebidas perante os indivíduos e adquira mais força no cotidiano.

O termo também foi utilizado para legitimar os trabalhos dos estudos feministas, ou seja, para dar cientificidade as pesquisas que prevaleciam ligados ao movimento, visto para alguns pensadores de forma negativa e denominado como “escandaloso”. Scott (1995) faz uma alerta sobre tal situação:

O uso do termo “gênero” visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, pois gênero tem uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres. O “gênero” parece integrar-se a terminologia científica das ciências sociais e, por consequência, dissociar-se da política do feminismo (p.4).

É importante mencionar que esses estudos acarretaram uma nova forma de olhar para os estudos de homens e mulheres e abriram um campo de pesquisa muito amplo, no qual os estudos de gênero se tornaram uma fonte de pesquisa bastante rica e de extrema importância para a quebra de estereótipos, que infelizmente, ainda prevalecem nos dias atuais.

No próximo momento desse trabalho, serão voltados os olhares para o espaço da educação infantil e discutidos dentro desse ambiente, como essas práticas são socialmente construídas.

SEXISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A educação infantil consiste em um dos primeiros contatos de meninas e meninos com um tipo de educação formal. Tal espaço, também se encontra norteado de regras e valores. Esse ambiente irá moldar de maneira natural ou não tal público, ao mesmo tempo, essa fase incide na introdução de meninas e meninos com um mundo social onde tudo é construído por meio das relações sociais, a integração e socialização de meninas e meninos serão fundamentais para o seu desenvolvimento e para sua introdução na sociedade. Finco (2009), mostra sobre a importância desse espaço educacional:

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. É nessa relação singular que o protagonismo

da criança ganha destaque e que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações, pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas (p.3).

Nesse período meninas e meninos estão em plena construção de opiniões, comportamentos e sobre sua própria identidade, tal construção não acontece sozinha, ela só é possível através da leitura que fazem do mundo, por meio das pessoas que se encontram em sua volta.

A escola surge como um campo bastante eficaz na fabricação dos indivíduos, já que uma de suas funções é discipliná-los de acordo com padrões impostos pela sociedade. Segundo Louro (1997, p.57) “Diferenças, distinções desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso desde os seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva.” Por meio de algumas práticas que legitimam as diferenças, a escola contribui de forma natural para os preconceitos de gênero.

O sexismo, preconceito referente ao sexo se encontra presente na educação e no cotidiano através de algumas ações, seja por meio da linguagem, nos livros, nos gestos, que de maneira muito singular acabam por distanciar meninas e meninos, reforçando as diferenças e desfavorecendo a igualdade de gêneros. Por essa razão que existe tanta dificuldade e resistência quanto a sua superação juntamente com a visão androcentrica, que está muito presente nos dias atuais, principalmente, no espaço educacional, fazendo com que preconceitos referentes ao gênero obtenham força a cada dia.

Moreno (1999) traz uma discussão sobre o androcentrismo e argumenta sobre a força que ainda possui:

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar leis, de impor a justiça, de governar o mundo (p. 23).

Toda a sociedade inclusive a mulher, participa desse pensamento, a educação através de vários mecanismos acaba por reforçar essas concepções, construídas baseadas em questões biológicas.

Na educação infantil, por meio de práticas sexistas, pesquisas realizadas apontam que esses preconceitos também estão presentes, onde são estimulados comportamentos diferenciados para meninas e meninos.

Os professores exercem um papel bastante importante nessa transmissão, pois colocam expectativas diferentes para ambos, para a menina será esperado que ela seja organizada, meiga, atenciosa e comportada. Nota-se essa situação até mesmo na linguagem usada pelos professores que tratam a menina com meiguice e de forma mais amorosa, já com relação ao menino ele será sempre o mais agitado, agressivo e bagunceiro. Esse comportamento é visto como algo “natural”, biológico do sexo masculino, porém os estudos sobre as relações de gênero mencionados anteriormente, mostra que essas características são configuradas através da sociedade.

Situações como essas acontecem porque esses comportamentos que são considerados como masculinos são estimulados desde o nascimento da criança, que a todo o momento é bombardeada de expectativas, e a agressividade e rebeldia dos meninos é uma delas. Com as meninas ocorre o contrário, nelas são reprimidos

tais sentimentos e estimulados outros como a fragilidade e delicadeza. Finco (2009, p. 267), observa essa situação em suas pesquisas, “Se é possível perceber o controle da agressividade na menina, o menino sofre processo semelhante, mas em outra direção: são bloqueadas expressões de sentimentos como ternura, sensibilidade”.

Os brinquedos e brincadeiras, um dos principais meios de socialização entre meninas e meninos, que são fundamentais nesse espaço, também contêm seus significados, tal momento deveria ser utilizado para estimular as crianças com sua criatividade e liberdade, porém, ele é igualmente manipulado pelas construções sociais. Prova dessa situação está desde o seu nascimento, onde o primeiro brinquedo oferecido para a menina é uma boneca, no qual o adulto de forma imperceptível estará treinando-a para ser dona de casa e cuidar dos filhos no futuro, estimulando a fragilidade, delicadeza e submissão, sentimentos intitulados como femininos. Nos momentos das brincadeiras, de acordo com Moreno (1999, p. 33) “As meninas têm liberdade para serem cozinheiras, cabeleireiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras e etc”.

Com o menino não é diferente, será oferecido um carrinho e brinquedos que reforcem sua liberdade, autonomia, independência e agressividade, todas essas práticas sexistas acabam por, de maneira muito sutil, reforçando estereótipos que distanciam meninas e meninos.

Finco (2008) traz algumas questões sobre como as brincadeiras podem ser manipuladas pelo mundo adulto:

A criança ao brincar, esta trabalhando suas contradições, ambigüidades e valores sociais: é na relação com o outro que ela constitui sua identidade. Fica difícil, por exemplo, continuar sustentando importância que um menino não brinque de boneca, em nossa sociedade atual, na qual cada vez mais o pai assume comportamento de cuidado com suas próprias crianças (p. 268).

Apesar de todos os fatos apontarem para uma inibição da liberdade de meninas e meninos de traçarem seus próprios desejos e vontades, ainda possuem aqueles que vão além do pré-determinado, onde reagem a esses modelos impostos pela sociedade e transgridem para uma educação não sexista. Através de pesquisas Finco (2008) observou que em um grupo da educação infantil, as crianças brincam, se agrupam, independente do gênero.

Através da observação na instituição de educação infantil pesquisada, foram registradas brincadeiras coletivas, nas quais meninos e meninas revezam-se nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos: as crianças um companheiro para brincar e vivenciar momentos agradáveis [...] (p. 269).

Com essas observações realizadas pela a autora, pode-se perceber que apesar do mundo adulto estar a todo o momento tentando impor comportamentos pré-determinados nas crianças, essas concepções ainda não estão totalmente interiorizadas em meninas e meninos de zero a cinco anos, o que confirma que tais preconceitos são socialmente construídos.

Paz (2008) ao realizar uma pesquisa na educação infantil, também pode observar o quanto os educadores influenciam nos momentos da socialização entre meninas e meninos, para os preconceitos de gênero o que reafirma o pensamento de Finco (2008).

Durante o período de observação, foi possível perceber que os comportamentos de meninas e meninos nem sempre estiveram de acordo com a visão determinista, linear, polarizada esperada deles/as. Como as professoras / adultas que estavam presentes lidaram com as situações? A falta ou pouca formação profissional na área gênero pode ser um dos fatores que levaram as professoras a tomar atitudes sem reflexão que influenciam na constituição da identidade de gênero e sexual das crianças (p. 4).

Com o resultado de tais pesquisas, observou-se o quanto os profissionais que se encontram no comando da educação infantil devem estar atentos para questões relacionadas ao gênero, para que não venham contribuir para práticas sexistas. Não esquecendo-se que essa fase da educação é de fundamental importância, pois professores através da consciência de como esse processo de transmissão de modelos impostos pela sociedade ocorrem, podem repensar sua prática de ensino e a relação entre meninas e meninos.

Ao mesmo tempo na sociedade atual, os educadores ainda se preocupam em seguir os modelos pré-determinados, pois um aluno que transgredir e supera o que é determinado, é visto como um problema diante dos educadores, já que ele próprio compartilha desse pensamento sexista e o perpetua através de suas práticas. Relatos de experiências que comprovam tal situação são expostos no trabalho de Finco & Vianna (2009):

Esse conjunto de expectativas e práticas, faz com que a criança pequena transgrida as fronteiras de gênero seja acompanhada e investigada profundamente de forma individual, tornando-se um “caso”. Cria-se um sistema comparativo que estabelece informações que compõem as bases para o estabelecimento das normas (p. 5).

Diante dessas discussões, foi possível notar o quanto práticas sexistas estão muito presentes no espaço da educação infantil. Um ambiente de extrema importância para o desenvolvimento de meninas e meninos, no qual as crianças deveriam se relacionar livremente, independente de gênero, as diferenças provenientes do caráter físico ainda prevalecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi exposto no decorrer do trabalho, os preconceitos de gênero continuam presentes na sociedade e em suas culturas, que através de diversas formas, molda os indivíduos de acordo com modelos pré- estabelecidos.

O fato de o movimento feminista ter chamado a atenção do mundo para as construções sociais que afetam homens e mulheres não fez com que tais estereótipos fossem abolidos totalmente de nossa sociedade, práticas sexistas ainda são muito comuns, é justamente o caráter natural que faz com que atitudes preconceituosas passem despercebidas perante a sociedade e uma possível superação muito difícil e limitada.

O papel da educação na construção de sujeitos pré-determinados é indiscutível, através de mecanismos eficazes ela reforça as diferenças entre meninos e meninas de maneira inconsciente e natural, sejam por meio da linguagem, de livros didáticos de atividades didáticas. A educação infantil traz sua contribuição. Apesar dessa etapa de ensino ser um dos meios de introdução das

crianças no mundo social onde a interação entre meninos e meninas é fundamental para a convivência social, não isenta tal ambiente de práticas sexistas, muito pelo contrário, é nesse espaço onde professores, que são atores fundamentais nessa construção social das diferenças disponibilizam sua parcela de contribuição, tentando de todas as formas moldar meninas e meninos com características ditas como femininas e masculinas.

É interessante notar que o fato da educação infantil influenciar para a construção da identidade das crianças não significa que elas já possuem essa visão estereotipada, pesquisas citadas no trabalho comprovam essa situação, algumas crianças que se encontram nessa fase ainda não possuem tal visão e se agrupam independente de seu gênero rompendo com pensamentos sexistas.

Nesse sentido, é necessário olhar para a educação infantil para além das diferenças, pois é nesse espaço que o começo para a luta de uma educação não sexista deve iniciar e nessa caminhada os professores exercem um papel fundamental, pois é a partir de suas práticas que estereótipos podem ser quebrados, onde é possível sim, uma educação igualitária para meninas e meninos, independentes de seu gênero.

REFERÊNCIAS

FINCO, Daniela. VIANNA, Claudia. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 33, p, 8, 2009. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: (22/03/2010)

FINCO, Daniela. Socialização de gênero na educação infantil. **Ciênc. Let**, Porto Alegre, n.43, p.261-274, 2008. Disponível em: <www1.fapa.com.br>. Acesso em: (29/04/2010).

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 7 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1997.179p.

MORENO, Monstesserat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999, 80p.

PAZ, Cláudia Denis Alves. **Gênero no trabalho pedagógico da educação infantil**. In: www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/8t10/claudia. Acessado em: (20/07/2010).

ROSEMBERG, Fúvia. Caminhos cruzados: educação e gênero na produção acadêmica. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.27, n1, p, 47-68, 2001. Disponível em: <www.scielo.com.br>. Acesso em: (08/06/2010).

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. In: <www.dhnet.org.br> Acessado em: (10/04/2010).